

A LEGITIMIDADE DOS SABERES NA PÓS-MODERNIDADE - UMA VISÃO CRÍTICA DA EPISTEMOLOGIA TRADICIONAL

Eugénio António Narciso Corôa

Resumo

A legitimidade dos saberes na Pós-Modernidade – uma visão crítica da epistemologia tradicional, é o título deste artigo; constitui um processo de análise epistemológica em torno da historicidade do desenvolvimento de teorias em relação aos paradigmas marcantes em diferentes épocas. Pretende-se com o mesmo, desenvolver uma visão crítica dos avanços e recuos dos processos de validação do saber no decurso histórico do desenvolvimento da epistemologia e demonstrar, por via da desconstrução da razão ocidental e da sua epistemologia, o alcance de um estatuto epistemológico por parte dos chamados saberes locais ou contextualizados antes relegados a um segundo plano e por via disso, não reconhecidos e privados de um estatuto que lhe era inerente, o estatuto de saberes epistemológicos válidos.

Palavras – chaves: Epistemologia, saberes, legitimidade, pós-modernidade.

Abstract

The *legitimacy of knowledge in post Modernity – a critical view of traditional epistemology*, is the title of this article; is an epistemological analysis process surrounding the historicity of the theories in relation to development paradigms striking at different times. It is intended with the same, develop a critical view of the advances and retreats of epistemology, the epistemological status of the so-called local knowledge or context before relegated to a second plan, and through that, not recognized and deprived of a statute that was inherent epistemological status of knowledge. validation processes of knowledge during the development of epistemology and history demonstrate, through the deconstruction of reason and of your

Key words: Epistemology, knowledge, legitimacy, Postmodernity.

Introdução

Abordagens e reflexões em torno da Epistemologia tratam essencialmente de estudos críticos dos princípios, hipóteses, dos resultados das diversas ciências; portanto, quando referimo-nos aos problemas epistemológicos temos como pontos focais questionamentos respeitantes à problemática da produção da ciência e, é sobre a ciência moderna onde centraremos as nossas atenções e a partir daí, analisarmos a questão da legitimidade dos saberes na época considerada Pós-Moderna.

A legitimidade dos saberes na pós-modernidade – visão crítica da epistemologia tradicional, debruça-se de aspectos epistemológicos que consideramos interessantes para a discussão nas linhas a que nos propusemos desenvolver no nosso percurso académico e intelectual filosófico.

Fundamentalmente, pretendemos com este artigo compreender a problemática da legitimidade dos saberes ao nível da história da epistemologia mas para melhor orientação do mesmo, iremo-nos guiar de forma específica pelos seguintes itens: traçar o percurso evolutivo da epistemologia; destacar os fundamentos, rupturas e desenvolvimentos de elementos da Epistemologia nas diferentes épocas históricas; indicar alguns pensadores representantes das diferentes épocas; fundamentar a legitimidade do saber nas diferentes fases históricas da evolução da Epistemologia.

O desenvolvimento deste artigo enquadra-se numa linha de pesquisa individual que levamos a termo através de um trabalho de doutoramento em Filosofia e se fundamenta na evolução das épocas históricas; trata-se de um trabalho de percurso o que significa que tem acompanhado o desenvolvimento académico do autor, daí que, alguns excertos do mesmo, podem ser identificados em algumas publicações do autor.

Estruturalmente, o trabalho constitui-se obedecendo o referido percurso da evolução histórica da problemática epistemológica sendo que, na primeira parte trataremos de forma simplificada, a questão da epistemologia enquanto problema filosófico na antiguidade e na fase medieval; na segunda e terceira parte, onde faremos maior abordagem, trataremos dos desenvolvimentos epistemológicos dando mais

tonalidade nos seus critérios validativos do saber, respectivamente, a Modernidade e a Pós-modernidade.

Em relação a fase Pós-Moderna, para além da discussão dos fundamentos epistemológicos tradicionais, o saber na concepção ocidental, iremos reflectir, em linhas gerais, em torno do reconhecimento de um estatuto epistemológico aos saberes locais enquanto metamorfose dentro da Epistemologia concebida como disciplina filosófica. Neste sentido, as bases de fundamentação desta virada concepcional relativamente aos saberes locais iremos tomá-las a partir do programa desconstrucionista de Jacques Derrida, filósofo pós-estruturalista franco-argelino.

Fundo filosófico do problema Epistemológico

Um dos problemas comumente postos pela tradição filosófica ocidental é o que se refere à possibilidade de conhecermos a realidade. Era problema de que já tinham consciência os grandes pensadores da antiguidade: Heráclito, Parménides, Sócrates, Platão e Aristóteles, para não citar senão alguns. Nestes pensadores representantes da época antiga, encontram-se respostas diferentes, que vão desde a atitude extrema dos que pensam não ser possível conhecer nada com certeza e de modo absoluto (cépticos e sofistas) até àqueles que pensam ser possível conhecer a realidade e apreender a sua essência, adquirindo assim um verdadeiro conhecimento científico (Platão e Aristóteles). Pode mesmo dizer-se que no pensamento grego estão antecipadas, ou pelo menos em germe, as principais soluções que ao longo da história do pensamento vieram a ser propostas para o problema do conhecimento.

Mas foi sobretudo a partir do Séc. XVII, com filósofos como Descartes, Leibniz, Locke, Hume e Kant, que o problema do conhecimento passou a ocupar o primeiro plano na reflexão filosófica e se constituiu como questão prévia ao tratamento de qualquer outro problema filosófico, fosse ele de natureza metafísica ou moral. O racionalismo e o empirismo do séc. XVII e XVIII têm essa característica comum de fazerem depender da solução do problema do conhecimento a solução de qualquer outra questão filosófica e, em última análise, o próprio estatuto da realidade ou do ser. De facto, na filosofia clássica e medieval, o problema do conhecimento esteve sempre subordinado ao problema do ser e por ele suportado. O ser determinava o estatuto do conhecimento e da verdade. A

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

verdade concebia-se como adequação entre o conhecimento e o ser. Aristóteles dizia, por exemplo que, “não é por pensarmos de uma maneira verdadeira que tu és branco; mas é por seres branco e pelo facto de assim o afirmarmos que dizemos a verdade” (ARISTÓTELES, 1998 – IX, 1051b).

O séc. XIX que em termos epistemológicos pode ser considerado de ponto de partida da agudização de “procedimentos racionais”, a fase considerada por “tempos modernos”, possui, como característica fundamental o estabelecimento de uma diferença radical entre os períodos, pré-científico e o científico e em consequência disso, temos a fixação do que viria a ser considerado por pré-ciência, ciência e posteriormente a pós-ciência.

A Modernidade, no dizer de David Lyon, abrange todas as mudanças significativas que aconteceram em muitos níveis desde a metade do século dezasseis em diante; ela questiona todos os modos convencionais de fazer as coisas substituindo autoridades por seu próprio árbitro, baseada na ciência, no crescimento económico, na democracia ou na lei; ela começou a conquistar o mundo em nome da razão (Cfr. LYON, 1998-37).

No seu *Discurso filosófico da modernidade*, Habermas refere-se a Hegel e o acusa de ser o mentor do discurso em torno da modernidade; segundo ele, Hegel estabeleceu as regras da dialéctica do iluminismo, tendo elevado a história contemporânea a um nível filosófico e desta forma, transformou radicalmente o carácter da filosofia. Na mesma obra, Habermas identifica Hegel com a questão polémica, da paternidade da Modernidade pelo facto de ser este, quem trouxe claramente, discursos da Modernidade como época normativa e de racionalidade (Cfr. HABERMAS, 2000-57).

Ao tratar da modernidade, referimo-nos ao espírito revolucionário de carácter epistemológico desenvolvido na Europa do Séc. XVI; um espírito claramente, pretensioso, de se constituir numa referência do saber, em todos os seus aspectos, desde o moral, espiritual, cultural, civilizacional e até, filosófico, que teve início no período do Renascimento.

O espírito moderno atingiu apogeu no século das luzes com o racionalismo, exacerbado nas teorias científico - metodológicas cartesianas e começou a mostrar sinais de fracasso com a Segunda Guerra Mundial, nas suas nefastas consequências, que

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

permitiram ao Homem descobrir e perceber que, ao lado das azáfamas do progresso científico havia perigos que punham em causa a sobrevivência do próprio Homem; É que, o saber científico retirou à natureza o seu mistério, esforçou-se em apropriar-se das qualidades dos deuses e do passado tradicional. Todo este percurso, concorria ao único objectivo orgulhoso e ambicioso de tornar planetária o saber e as culturas europeias; o saber Moderno se afigurava ao meta discurso que determinava a legitimidade de qualquer saber.

Severino NGOENHA, pensador moçambicano, na sua obra, *Estatuto e axiologia da educação*, refere ao espírito moderno e diz que, pode-se definir a modernidade a partir dos fenómenos que o caracterizam, enquanto consciência epocal, através de alguns sinais em si implícitos: a compreensão da liberdade como emancipação, o mito do progresso necessário e sem fim, o domínio progressivo da natureza, o objectivismo, a homogeneização da experiência, a hipotetização e o universalismo naturalista; segundo Ngoenha, a marca patente da modernidade, àquilo a que ele designa por *proprium* da modernidade, equivale ao saber científico, particularmente no seu aspecto de cientificismo; Este facto fez com que a legitimação científica passasse a ser o critério normativo para avaliar todo o tipo de conhecimento.

Outra característica da modernidade tem a ver com a situação de se querer que ela tenha tido início no histórico ano de 1492, data dos descobrimentos; trata-se do momento em que a Europa pode confrontar-se com o outro tomado numa característica de “fracasso”; esse outro, o descoberto, deve ser controlado, violentado; a Europa é um continente descobridor e conquistador; neste sentido, a emancipação racional, do outro, é um projecto moderno, isto é, o outro deve ser emancipado pela razão egocêntrica europeia; por outro lado, o domínio da cultura europeia em relação as culturas dos descobertos legitimava a violência e a destruição das culturas que se opusessem à cultura euro-ocidental.

Neste sentido, são considerados pilares da modernidade, os seguintes elementos:

- A ideia do progresso que via a história como um progresso dinâmico do homem de um estado de inferioridade à superioridade, do macaco ao homem;
- A ideia da racionalidade científica que vê na ciência como instrumento libertador do homem dos condicionalismos da natureza;

- A ideia das religiões universais (cristianismo) e da democracia como garantia para a liberdade e representatividade.

Descrências ao projecto epistemológico moderno

No centro de qualquer projecto científico, está em causa, antes de todo o discurso pró ou contra, a condição humana que entra em jogo; trata-se de fundamentar e dar sentido as relações existenciais do homem relativamente a si próprio e, fundamentalmente, com o mundo.

A ciência moderna, que concretiza e tematiza toda a epistemologia moderna, desenvolveu-se ao lado da técnica; vale dizer que, entre a ciência e a técnica modernas, desenvolve-se um grande paralelismo lógico e complementar sendo a única distinção, o facto de que a ciência actua mais no campo teórico, isto é, satisfazendo as necessidades de compreensão, investigação e esclarecimento de princípios basilares ao passo que, à técnica, cabe-lhe, a preocupação da acção, satisfazer as necessidades de produção e utilização.

As transformações no saber científico provêm de vários factores entre os quais, a falta de credibilidade pela inadequação dos princípios de legitimidade desse saber diante das novas tecnologias. Ao mesmo tempo que a tecnologia surgiu criando dispositivos que ampliam a capacidade de percepção sensorial humana, como por exemplo aumentando a precisão das mensurações, também está provocando o crescimento da incerteza perante revelações inesperadas. Fronteiras entre disciplinas começaram a desaparecer; surgem novos territórios, desabam as hierarquias, aparecem redes planas e imanentes de conhecimento, nas quais, todos passaram a ser permeados por um novo elemento, a tecnologia digital.

David Lyon refere, em torno da problemática da modernidade, na sua obra, *Pós-modernidade*, que embora se possa ver a modernidade em conquistas como a ciência, a tecnologia e a democracia, ela também afectou profundamente as rotinas da vida diária; a modernidade ao proclamar a autonomia do homem e ao admitir a razão como regra de vida, ela deu uma mudança que determinaria seu fim: as dúvidas relativamente ao progresso do saber científico muito cedo apareceram. A crise da Modernidade tem a ver com a crise dos considerados seus pilares: já se nota, por exemplo, que já não há

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

representatividade nos interesses do povo, não há interesse pelo cultural, decai a ciência como único saber e em consequência surgem outros métodos e critérios para a validação e legitimação do saber. Pela primeira vez, a ciência é vista como produção individual e por isso, relativo aos pesquisadores.

Saber moderno e sua legitimidade

Se é certo que a Modernidade constituiu-se como um projecto que identifica toda a desejada pujança eurocêntrica, é lógico que a tradição ocidental formulasse o problema do conhecimento de uma forma elitista, excludente e discriminatória em relação as culturas consideradas emergentes, as descobertas.

O ocidente tornou-se árbitro de todo o saber, como quem tinha o direito de decidir pela sociedade global; considerava-se que todos os homens eram iguais, mas o mesmo não era aplicável quando se tratasse de culturas, isto é, as culturas não são iguais, sendo que, a ocidental era superiora que as restantes. A Modernidade representada pelo ocidente definiu as condições para a legitimidade de um discurso. A problemática do saber na Modernidade é concomitante à emancipação das burguesias em relação as autoridades tradicionais.

Durante a Modernidade, a ciência utilizou jogos de linguagem próprios que a legitimavam procurando excluir os outros tipos de saber. Esta legitimação do saber científico foi *a posteriori*; a ciência lutava para excluir as outras formas de saber que, em princípio, com ela não tinha relação, como por exemplo, o saber narrativo, saber que se relaciona à tradição, o considerado saber local.

A Modernidade pretendia legitimar só o saber resultante de processos de investigação observável e de experimentação, passível de ser repetido com êxito por outros pesquisadores em outros lugares, de forma que os seus resultados pudessem ser compartilhados e fossem exactos ou dificilmente questionáveis.

A Ciência Moderna pretendia que fosse considerada a única forma de conhecer verdadeiro com relação a toda a natureza e a todo o domínio a que se estendem as actividades humanas.

Saber pós-moderno e sua legitimidade

A primeira constatação a fazer nesta fase é referente a uma série de confrontos teóricos observados em volta de um estatuto de credibilidade sobre a Modernidade e a Pós-modernidade que ganhou maior intensidade nos finais do séc. XX entre os que ainda querem chegar a um entendimento com a Modernidade e aqueles que vêem a Modernidade como algo terminado; este facto significou claramente ausência de entendimento e consenso em relação a ideia da existência de uma nova época chamada Pós-Moderna.

Aqui, enquanto pensadores como Jürgen Habermas, Antony Giddens, Ulrich Beck, entre outros, defendem que ainda estamos na Modernidade porque os seus princípios orientadores ainda são válidos, a razão continua sendo o princípio organizacional da sociedade, os defensores de uma nova ideia, a da Pós-Modernidade, Jean-François Lyotard, Boaventura de Sousa Santos, Gianni Vattimo, Jean Baudrillard, David Harvey, justificam-se pela necessidade de não mais apoiarmo-nos na razão pelo facto de ela ser a base não apenas de construção, mas e sobretudo de destruição: a própria racionalidade destrói e a um só tempo constrói (Cfr. PEIXOTO, 1998 - 26).

Não há consenso na formulação do conceito de Pós-Modernidade bem como na determinação da sua proveniência; trata-se de período histórico ou de um estilo actual? De um conceito literário ou filosófico? De uma noção arquitectónica, variação estética ou resposta às tendências sociais? Todas estas questões consideram-se legítimas, uma vez que se trata de um termo que representa uma era de ambiguidade e ironia.

Uma das características deste novo paradigma epocal é o enfraquecimento do saber, que já não é homogéneo em todos os países, aquilo a que Gianni Vattimo considera de uma época de um pensamento fraco.

Bauman citado por Ebert (2008 - 5), afirma que de entre as várias definições para a época actual, a mais adequada é a que representa-se pelo termo “modernidade líquida” querendo com o tal caracterizar a fluidez da realidade em contrapartida à solidez do período anterior.

Baudrillard, também citado por Ebert diz, na obra que fizemos menção, anteriormente, que a Pós-Modernidade é sinónimo da sociedade de consumo, onde a própria crítica acaba por ser absorvida e transformada em um bem de consumo; É a

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

sociedade da imagem e do espectáculo que tenta esconder sua superficialidade e de já não corresponder a uma realidade nem distinguir o que é real do que é fictício. Tudo é simulacro; a própria política não passa de cenas de simulacro no qual já não há como distinguir o que é real.

Boaventura Santos, concorda com a maioria das críticas à sociedade actual feita pelos seus antecessores aqui referenciados; ele afirma que o modelo da economia do mercado tem aumentado as desigualdades sociais e isto é verificável tanto nos países centrais como periféricos.

Com Lyotard n' *O pós-moderno explicado as crianças*, a condição pós-moderna tem como marca distintiva fundamental o fim das metanarrativas, grandes esquemas explicativos que, na actualidade, caíram no descrédito pois, já não há outras garantias, a ciência já não pode ser considerada como única fonte da verdade.

Na Pós-Modernidade, podemos assumir várias verdades segundo o contexto em que se inserem e se justifica.

Um dos factores caracterizantes da nova época determinante para o surgimento da era chamada de Pós-moderna foi a crise do saber científico; os pilares que norteavam a Modernidade exibiram a sua insustentabilidade e, com isso, a legitimidade do saber científico também ficou derrotada dando espaço a novos critérios de legitimação dos chamados, saberes contextuais ou locais.

O alcance do estatuto epistemológico do saber local na Pós-Modernidade

O saber local corresponde a uma das várias formas de articulação da apreensão e compreensão do mundo por parte do homem e a sua integração epistemológica resulta da desconstrução da metafísica ocidental caracterizada por uma razão que se impunha como único critério de validação de todo o saber.

A Razão enquanto fundamento da compreensão desenvolveu-se no Ocidente a partir de um conceito de centro, como condição que unifica a estrutura da consciência teórica, como por exemplo, o conceito de homem, de Deus, da verdade, noções que determinam o conhecimento universal.

Em sua *Gramatologia* (2008), Jacques Derrida, pai da desconstrução, considera esta atitude como sendo um procedimento logocêntrico característico da metafísica

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

ocidental; o que é verdade nessa análise, diz Derrida, é que todo o centro de entendimento tem necessariamente o seu antagonismo, aquilo que Hegel denominou de antítese. Isso significa o seu oposto, Deus-diabo, homem-mulher, verdade-falsidade; e, as lógicas das oposições têm uma longa história na construção do pensamento ocidental, que vem historicamente do mundo grego.

Para que se possa atingir uma análise epistemológica objectiva nos processos de produção e validação do saber na pós-modernidade é necessário que se efectue um processo de descentramento no ideal moderno da metafísica ocidental caracterizada por uma criação de um centro estruturado. Isto equivale a um processo de desestruturação ou simplesmente estruturalidade da estrutura, se queremos usar o termo derridiano.

Se a característica da Modernidade, conforme demonstrado acima, inaugurada pelos ideais da uniformidade metódica cartesiana, uma espécie de um “monismo metodológico”, intencionava a criação de um espírito de uniformidade em todos os aspectos existenciais, a característica do período seguinte, a Pós-Modernidade, é mais da deslocação dessa mesma uniformidade, a revalorização das diferenças e a priorização da atitude desconstrucionista.

No âmbito epistemológico, a Desconstrução Derridiana propõe um pluralismo metodológico que através da crítica à tradição metafísica ocidental propõe uma filosofia da diferença e da desconstrução, conceitos que abrem possibilidades à variação de proposta de orientação; e neste sentido, posso afirmar que o pensamento derridiano não assume a episteme, no seu sentido tradicional ocidental, mas sim a questiona.

Revedo as intensões derridianas, os critérios de validação dos discursos epistemológicos, no projecto desconstrucionista, não são centralizados conforme era ideal da Modernidade mas sim, tal validade, depende dos resultados atingidos em função dos condicionantes de sua produção daí que se encontram diferentes espaços/projectos culturais/sociais apresentando diferentes modelos e vias de produção e validação do saber e conseqüentemente da efectivação da ciência enquanto discurso sobre o saber.

Qualquer esforço que se empreenda no sentido de descentramento, segundo o pensamento derridiano, passa necessariamente pelo uso dos mesmos termos que se pretendem destruir. Assim, a destruição do centro ou da estrutura centrada feita por autores que o precederam e constituíram-se em suas fontes, Nietzsche e Heidegger,

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

segundo o próprio Derrida, só foi possível servindo-se dos mesmos conceitos metafísicos para destruir a própria metafísica e é precisamente este esforço que se deve empreender no seio da Epistemologia Moderna para que o saber local alcance um reconhecimento do seu estatuto epistemológico na Pós-Modernidade.

Neste sentido, se a estruturalidade da estrutura significa, em última análise, um projecto de descentramento da própria estrutura, então o projecto do alcance epistemológico dos saberes locais deve passar necessariamente, por um descentramento da Epistemologia Moderna tradicional de todas as referências estruturais que por si só, encerram todo o jogo.

Conclusão

Depois deste pequeno percurso histórico do desenvolvimento epistemológico, em que abordamos momentos de avanço e recuos processuais do conhecimento, eis que podemos extrair algumas conclusões lógicas.

O problema do conhecimento constitui-se como um facto filosófico desde os iniciais momentos de desenvolvimento humano que se pode observar partindo dos gregos e pode ir até aos nossos dias; é constatável o facto de que nem sempre, o conhecimento se desenvolve de forma linear mas sim, acompanhado por *nuances* que em muito determinam o espírito das épocas.

Na antiguidade, a natureza é divinizada e por isso a atitude do homem manifesta-se em fundamentar os processos manifestos e vivenciados tal como surpreendentes da mãe Natureza;

Já na idade Média, o homem animado e empolgado pelo espírito religioso com pretensão unificadora da humanidade, guia-se pela contemplação mercê da admiração do projecto divino da criação do universo;

Na modernidade, uma época constituída por movimentos revolucionários, o homem determina-se activo, provocador e tecnocrata; o fundamento da legitimação de todo saber, que se pretende unificado e coeso, é a condição racional; pela razão, o homem consegue, alcança e justifica todo o saber;

Já na pós-modernidade, período polémico em termos distintivo e característico, a razão humana é sobreposta por um inconsciente social que determina a “desordem” em

todos os aspectos; as promessas modernas não funcionam e como consequência as práticas culturais contextuais se impõem e justificam a condição humana.

E neste espírito, o desconstrucionismo derridiano, um paradigma que caracteriza a epistemologia na Pós-Modernidade pelo seu ideal e espírito crítico das pretensões impositoras da razão ocidental de ser pan-metodológica, determinou que o saber local alcançasse o reconhecimento do seu estatuto epistemológico e por aí se introduzisse nas discussões temáticas da Epistemologia enquanto disciplina filosófica.

Bibliografia

1. ARISTÓTELES. *Metafísica*, Tradução de V.G.Yebra, Gredos, Madrid, 1998.
2. DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*, Ed. Perspectiva, S. Paulo, 2006.
3. DERRIDA, Jacques. *Gramatologia* Ed. Perspectiva, S. Paulo, 2008.
4. EBERT, Maristela Rempel. *A sociedade e a democracia na pós-modernidade*; in Revista Espaço Acadêmico; número 87, Agosto de 2008.
5. HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*, 3ª ed. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2000.
6. LYON, David. *Pós-modernidade*, Paulus, S. Paulo, 1998.
7. LYOTARD, Jean- François. *O pós-moderno explicado às crianças*, 3ª ed., Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1999.
8. NGOENHA, Severino Elias. *Estatuto e axiologia da educação: o paradigmático questionamento da missão suíça*. Livraria Universitária, Maputo, 2000.
9. PEIXOTO, Madalena Guasco. *A condição política na pós-modernidade: a questão da democracia*. EDUC, S. Paulo, 1998.

Recebido: 1/3/2021. Aceito: 20/4/2021.

Autor:

Eugénio António Narciso Corôa - Doutor em Filosofia, Docente de diferentes disciplinas de filosofia na Universidade Licungo-Quelimane, Moçambique.

(+258) 847699329/877699324/828256000

E-mail: ecoroa@unilicungo.ac.mz / coroa2012@gmail.com